

Jornalismo Interseccional: Jornais Independentes Como Expoentes da Diversidade na Comunicação¹

Janaina Rosa BERNARDINO²

João DAMASIO³

Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, MG

RESUMO

Em uma estrutura onde as relações sociais perpassam por hierarquias de poder e de privilégio, que sobrepõem os marcadores de raça, gênero e classe social, o jornalismo tradicional dirigido por um único perfil, em sua grande maioria, contribui para ideologias que invisibilizam o campo étnico, racial, social e sexual dos sujeitos fora e dentro dos principais telejornais e redações. Logo, o presente trabalho, ainda em fase inicial, visa analisar, compreender e refletir sobre o papel dos jornais e mídias independentes na contramão deste cenário, tendo a diversidade, sobretudo a de raça e gênero, como critério de relevância para as interseccionalidades no jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade; Jornalismo; Jornais Independentes; Diversidade; Comunicação.

Com resquícios do processo escravocrata e da hegemonia europeia colonial, o jornalismo tradicional tem um papel catalisador na manutenção da ideologia racista e machista no país. Logo, as práticas jornalísticas convencionais há tempos têm falhado com a ausência de diversidade, inclusão e representatividade na área, ao negligenciar as intersecções entre raça, gênero e classe social, que perpassam e marcam o corpo e as vivências de profissionais e fontes não brancos.

No livro *Interseccionalidade*, escrito por Patrícia Bill Collins e Silma Bilge (2021), as autoras destacam o conceito de interseccionalidade como uma ferramenta analítica para compreender que as relações de poder construídas por questões de raça, gênero e classe social, por exemplo, não se dão enquanto categorias distintas e nem

¹ Trabalho apresentado no IJ01 do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: janainarbernardino@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FACED-UFU, email: joaodamasio16@gmail.com

excludentes e, que, portanto, se apresentam de forma única impactando os aspectos de narrativas na sociedade. Pelas palavras das autoras:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BILGE, 2021, p. 16)

Em paralelo, segundo Fernanda Carrera é fundamental pensarmos as diversidades conectadas às interseccionalidade e o cruzamento de amplas violências que subjagam o outro e o categorizam como inferior. O racismo e o machismo, por exemplo, que são estruturais e, portanto, são estruturantes das relações, refletem no jornalismo. Logo, “os espaços midiáticos [...] são lugares emblemáticos para o debate sobre matrizes de opressão e dinâmicas discriminatórias” (CARRERA, 2021, p. 6).

Dessa forma, percebe-se um movimento e articulações arbitrárias de jornais e mídias independentes racializados à imprensa tradicional, ao proporem um trabalho de base atrelado a uma comunicação antirracista, feminista e plural, que dialoga com a interseccionalidade no jornalismo. Um olhar que corrobora para a construção da diversidade na área e a promoção da igualdade racial na mídia, visando a descolonização do jornalismo tradicional que invisibiliza e estereotipa narrativas cotidianamente.

Recorro aos escritos da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, quando ela, em seu livro *O Perigo de Uma História Única* (2009), denuncia a construção de uma única perspectiva sobre a identidade africana e, conseqüentemente, em diáspora, ou seja fora do continente africano, a partir do olhar da branquitude ao tangenciar os conflitos sociais, raciais e identitários. Logo, apresenta-se um não lugar daquele que é visto como o outro, o “objeto” não branco, que tem suas narrativas sobre o que é ser negro impactadas e deturpadas.

Assim, cria-se a ilusão de uma única história quando apresentamos toda uma população como se fosse apenas um elemento sem considerar as especificidades, dores,

angústias, alegrias, conquistas de cada um, como bem traz Grada Kilomba (2019), um objeto e não sujeito da análise do discurso do outro.

Uma perspectiva que se relaciona com as indagações lembradas pelo professor e pesquisador da Universidade Carlos III de Madri, Luis Albornoz, em uma das entrevistas produzidas para o Relatório Diversidade, Equidade e Inclusão: “devemos passar do discurso à ação”, lançado pelo observatório de informação Media Talks, em que destaca a diversidade não apenas como um único foco central da visibilização de vozes e resgate de epistemologias que fogem do convencional, mas também enquanto um processo contínuo de descentralização de quem está contando as histórias. Indagações que apontam a diversidade como um conceito já discutido anteriormente, no sentido de que o sujeito, assim como se informar, tem o direito também de contar a sua própria narrativa.

Para Chimamanda (2009), o perigo de uma história única se conecta com as relações de poder; quem as conta está nas tomadas de decisão, tem o dispositivo de torná-las definitivas e as coloca à margem, tal como a colonização fez. Me aproprio da analogia da escritora nigeriana para pontuar o quanto o jornalismo convencional reproduz e faz a manutenção da perpetuação de narrativas que esteriotipizam e colocam o corpo negro, por exemplo, em uma única caixa. O mesmo acontece com as mulheres e qualquer outro grupo lido como minoritário.

Em dezembro de 2022, o Estadão⁴, um dos jornais de maior alcance do país, publicou uma reportagem sobre o ataque a tiros em escolas de Aracruz, no Espírito Santo, e ilustrou a reportagem com uma mão negra segurando o revólver, mesmo que o atirador tenha sido um homem branco. Esse é um dos exemplos de quanto o jornalismo segue reforçando o racismo estrutural e a forma como a representação social, quando atrelado ao corpo negro, parte sempre de uma perspectiva negativa, imoral e ruim. A mão negra como aquela que aperta o gatilho, que assassina.

Neste ano de 2023, em 21 de março, Dia Internacional da Luta Pela Discriminação Racial, o Jornal Nacional⁵, da TV Globo, passou uma reportagem em que a jornalista Delis Ortiz diz a seguinte frase: “O salão nobre do Palácio do Planalto ficou lotado de descendentes de escravos”, frase que naturaliza o processo de escravidão,

⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/criticado-estadao-troca-foto-de-mao-negra-segurando-arma/>. Acesso em 8 abr. 2023.

⁵ Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/delis-ortiz-chama-negros-de-descendentes-de-escravos/>. Acesso em 8 abr. 2023.

reforça o racismo e um lugar de mão de obra e servidão. A população negra foi escravizada e teve a sua história e humanidade apagadas e invisibilizadas, não nasceram como escravos. A escravidão não é uma condição premeditada pelo nascimento. Situações como essas só vão ter o seu fim quando a diversidade deixar de ser um diferencial e passar a ser uma norma, quando a imprensa tradicional, de fato, desenvolver seu próprio letramento e descolonizar a sua linguagem.

De acordo com o Manual de Diversidade no Jornalismo da Énois⁶ (2017), presente no site da Instituição, laboratório que trabalha para a construção de um jornalismo territorial, diverso e representativo, as práticas jornalísticas devem ser diversas em muitas instâncias, “nas redações, no público alvo, nos processos seletivos, na chefia, nas fontes procuradas e na linguagem utilizada”. Só dessa forma será possível subverter a lógica dominante presente no jornalismo e pensar uma perspectiva decolonial. No entanto, a curtos passos, esse cenário avança.

Segundo Roseli Fígaro (2013, p. 46), o perfil dos jornalistas, há dez anos, era composto de “jovens, brancos, de classes médias, mulheres, multiplataformas, com vínculo de emprego precário, curso superior completo e pós-graduação em nível de especialização”. Anos mais tarde, quando este cenário já deveria ter avançado, uma pesquisa realizada pelo Perfil Racial da Imprensa Brasileira em 2021, aponta que 77,6% dos jornalistas são profissionais brancos.

Em paralelo, segundo os dados da pesquisa intitulada “Jornalismo Brasileiro: raça e gênero de quem escreve nos principais jornais do país” (2021), produzida pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema/Uerj), em parceria com a Rede de Jornalistas Pretos, mulheres negras eram 3% no Estadão, 5% na Folha de São Paulo e 6% no O Globo. Os homens negros também representavam as mesmas porcentagens nos jornais. Em contrapartida, as mulheres brancas eram 32% no Estadão, 32% na Folha de São Paulo e 29% no O Globo.

Já os homens brancos eram: 56% no Estadão, 52% na Folha de São Paulo e 50% no O Globo. Pessoas de outras raças e orientações sexuais, por exemplo, representavam de 1% a 3%, nos veículos de comunicação. Sendo que apenas uma mulher trans foi identificada, mas na escrita de um artigo isolado.

⁶ Disponível em: <https://enoisconteudo.com.br/manual-de-diversidade-no-jornalismo/>. Acesso em 8 abr. 2023.

Uma realidade que não contempla mais da metade da população brasileira, uma vez que, segundo o IBGE (2020), pessoas negras, ocupam 56% da população, ou seja, são em média 115 milhões de pessoas que se autodeclaram pretas ou pardas no Brasil e, que, por sua vez, não são representadas, em sua totalidade, fora e dentro dos principais telejornais e redações.

Com isso exposto, o vigente estudo ainda em fase de elaboração de projeto de pesquisa, pretende analisar a diversidade como critério de relevância jornalística para as interseccionalidade no jornalismo. Em movimentos exploratórios, delineamos a observação de jornais independentes que se pautam pela diversidade e comunicação não violenta, como expoente de transformação social da área. Jornais como Mundo Negro, Notícia Preta, Nós, Mulheres da Periferia, Amazônia Real, Alma Preta e a ÉNóis Conteúdo que nasceu como uma escola de jornalismo focada em jovens do Capão Redondo, bairro periférico de São Paulo e, hoje, atua como um laboratório que visa a construção de um jornalismo diverso e representativo, realizando formações nos territórios brasileiros e redações, são exemplos de produções independentes que estão na linha da frente driblando a desigualdade de raça, gênero, classe social e territorial, no fazer jornalismo na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALBORNOZ, Luis. "**Devemos passar do discurso à ação**". [Entrevista concedida a] Luciana Gurgel. MediaTalks, Londres, p. 4-5, jun. 2022. Disponível em: <https://mediatalks.uol.com.br/wp-content/uploads/2022/06/MediaTalks-Diversidade-Equidade-Inclusao-na-Midia.pdf>. Acesso em 06 abr. 2023.

CARREIRA, Fernanda. Roleta Interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. In: E-Compós - **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação**, Brasília, v. 24, ps. 1-22, jan.-dez. 2021.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Niterói/RJ – 01 a 03/06/2023

COLLINS, Patricia Hill; BILGE Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza.
1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

FIGARO, Roseli (org.). **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta, 2013.

KILOMBRA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PROJETO Perfil racial da imprensa brasileira. **Perfil racial da imprensa brasileira**.
Jornalistas&Cia, Portal dos Jornalistas, Instituto CORDA, I'MAX, nov. 2021.
Disponível em:
<https://static.poder360.com.br/2021/11/pesquisa-perfil-racial-da-imprensa-17-nov-2021.pdf>. Acesso em 06 abr. 2023.